

DO MAR AO OVO: O EXISTIR LÍQUIDO E OBLÍQUO EM LISPECTOR

Maura Voltarelli¹
Glauco Cortez²

RESUMO: Este artigo parte de um estudo comparativo de duas crônicas de Clarice Lispector: “Atualidade do ovo e da galinha” e “As águas do mar”. A comparação entre as crônicas pretende demonstrar qual delas possui maior potencial em refletir o lugar do sujeito moderno na sociedade. A concepção de sujeito utilizada neste artigo é aquela desenvolvida por Freud, ou seja, a do sujeito psicanalítico que rompe com uma filosofia de cunho cartesiano, viés racional e objetivo, vigente até então. As teorias de Freud corresponderiam a um “descentramento” (fuga do centro) do sujeito, a partir do modo como ele era visto anteriormente, e parecem ser ecoadas pelo sujeito clariciano, já que este último, longe de constituir-se como ser coeso e racional, faz-se múltiplo, oblíquo, desviante em relação ao movimento da maioria.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; crônicas; sujeito; psicanálise; Freud.

ABSTRACT: This article is a comparative study between two chronic written by Clarice Lispector: “A Atualidade do ovo e da galinha” and “As águas do mar”. The comparison between both chronic pretends demonstrate which one better reflected the place of modern subject on society. The conception of subject that is used for the development of this article is that formulated by Freud, in other words, that from psychoanalytic subject that breaks with a Cartesian philosophy, objective and rational, prevailing before. Freud's theories correspond in this way to a "decentering" (escape from the center) of the subject, from the way it was seen previously, and seem to be echoed by the characters present on the literary work of Clarice Lispector. These characters, far from being cohesive and rational people, are multiple, oblique, deviant in relation to the movement of the majority.

KEY-WORDS: Clarice Lispector; chronic; subject; psychoanalysis; Freud.

Introdução

Este artigo tem como objetivo empreender um estudo comparativo de duas crônicas de Clarice Lispector: “Atualidade do ovo e da galinha”, publicada em 1969, e “As águas do mar”, publicada em 1973, ambas reunidas no livro *A Descoberta do Mundo* (1999). A comparação pretende identificar qual delas melhor refletiu o lugar do sujeito moderno na sociedade. Desenha-se, neste sentido, uma relação entre sujeito e realidade, evidenciada a

1 Mestranda em Teoria e Crítica Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e graduada em Jornalismo pela PUC-Campinas. Email: ma_voltarelli@yahoo.com.br

2 Doutor em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Email: glauco_cortez@yahoo.com.br

partir da relação entre sujeito e narrativa literária. O principal suporte teórico utilizado foram os estudos freudianos nos quais se instaura um novo tipo de sujeito: o sujeito psicanalítico que rompe com a ideologia do sujeito racional e coeso cartesiano para tornar-se um sujeito múltiplo, descentrado e eternamente em busca de si mesmo.

A escolha do discurso freudiano se dá pelas semelhanças existentes entre o sujeito visto por Freud e o sujeito que aparece na obra de Clarice. Nesta última, o sujeito, na maioria das vezes, não é totalmente “senhor de si mesmo”, regido, sustentado e satisfeito pela razão. Pelo contrário, Clarice revela personagens oblíquos, desviantes, deslocados em relação a um modelo hegemônico da existência, insatisfeitos, surpreendidos consigo mesmos, prestes a descobrir-se ou a encobrir-se, à beira da luz ou da completa escuridão. Personagens cheios de desejos, incongruências, incompletudes, medos e sonhos, sempre na iminência do tombo ou da libertação. O sujeito em Clarice nos parece, dessa forma, próximo do sujeito freudiano. Ambos marcados por dualidades entre consciente e inconsciente, desejo e razão, vida e morte, sublimação e liberdade. Dualidades estas que, não por acaso, fazem-se presentes em grande parte da obra da autora. Ao tentar associar o texto clariciano à constituição do sujeito psicanalítico, descortina-se uma compreensão do sujeito em sua dupla dimensão: literária e psíquica, e tem-se a possibilidade de promover uma aproximação destes dois campos de saberes de modo que um ajude a iluminar a compreensão do outro.

O estudo das crônicas de Clarice é feito de forma bastante próxima ao texto. A leitura atenta, cerrada, que privilegia a obra literária sem, no entanto, ter a pretensão de esgotá-la em suas possibilidades interpretativas, permite visualizar melhor elementos que revelam, ainda que parcialmente, a mensagem latente nas entrelinhas da escrita.

A comparação entre as crônicas tampouco pretende desmerecer uma em detrimento da outra, o que se quer é revelar os diferentes níveis de força e alcance dos métodos claricianos. O percurso metodológico tem como ponto de partida a fundamentação do que se convencionou chamar de “filosofia do sujeito”. O segundo momento compreende a análise propriamente dita das crônicas. Os procedimentos analíticos são de duas ordens: linguísticos e estilísticos, atentando para palavras, construções metafóricas, metonímicas, comparativas, adjetivas, dentre outras, capazes de revelar alguns dos sentidos do texto de Clarice e ajudar a delinear os mecanismos literários por meio dos quais se constrói o sujeito em sua obra.

Depois de cumpridas essas etapas, as considerações finais pretendem esboçar um quadro que revele qual das duas crônicas melhor refletiu o sujeito na modernidade, bem como as particularidades de ambas que descortinam diferentes níveis e caminhos de representatividade, o que, em última instância, também traduz múltiplos modos e intensidades de ser sujeito.

“Penso, logo existo”; “Existo, logo penso”

Joel Birgman em *Estilo e modernidade em Psicanálise* (1997) traça um panorama de como se constrói o sujeito no discurso freudiano. Em um primeiro momento, ele situa a psicanálise em frente ao enigma da individualidade humana que, segundo ele, “não se manifesta na sua transparência. Enunciar que a individualidade é enigmática implica o reconhecimento de sua opacidade radical” (BIRGMAN, 1997, p. 15). Está posto, neste sentido, o desafio da psicanálise: desvendar essa verdade latente em uma opaca individualidade humana. A psicanálise seria a busca por essa latência, ou, para usar as palavras de Birgman, “o pressuposto é de que o processo psicanalítico seja uma prática de subjetivação” (BIRGMAN, 1997, p. 16).

Birgman coloca o século XVII como o marco para a emergência da filosofia do sujeito juntamente com o pensamento de Descartes segundo o qual a concepção de sujeito se identifica com o pensamento e há uma soberania da razão como centro da personalidade. No entanto, o autor deixa claro que o pensamento de Descartes não estava sozinho. Novos conceitos surgiam e transformavam a ideia do sujeito que *pensa, logo existe*, alguns dentro da própria filosofia cartesiana e outros fora dela, como é o caso de Heidegger e do estruturalismo francês dos anos 50 e 60. Birgman mostra como a desconstrução do lugar fundamental conferido ao sujeito desde Descartes vai se iniciando e ganhando força.

A filosofia contemporânea [...] pretende realizar a crítica da filosofia do sujeito. A começar com a crítica heideggeriana da metafísica e da filosofia do sujeito, com a tentativa de fundar a ontologia no Dasein e não no sujeito [...] Da mesma forma, o estruturalismo francês dos anos 50 e 60 realizou essa crítica, ao deslocar suas preocupações do registro do eu para o das estruturas (linguísticas, psíquicas, sociais, econômicas, etc.) do real, assim como ao

conferir ênfase aos processos inconscientes do espírito no lugar dos processos conscientes (BIRGMAN, 1997, p. 17).

Birgman coloca a constituição histórica da psicanálise como tendo uma de suas principais referências justamente na filosofia do sujeito. No entanto, ele lembra que isso não implica dizer que ela seja uma representante da filosofia do sujeito no século XX. “A relação do discurso freudiano com as teses da filosofia do sujeito é de apropriação e de crítica, com a predominância da crítica teórica” (BIRGMAN, 1997, p. 17).

O que o autor vai tentar demonstrar é justamente o quanto a psicanálise é uma crítica teórica radical da filosofia do sujeito e, para fazê-lo, ele se volta para as leituras psicanalíticas fundadas na tese do descentramento do sujeito. Freud chamou esses descentramentos de “feridas narcísicas” e colocou a psicanálise como uma dessas feridas, justamente por ela tirar o foco da individualidade e da importância da consciência do eu e transportá-lo para outra instância psíquica até então desconhecida, nomeada por ele como inconsciente. Birgman expõe, usando dos discursos de Freud, que a descoberta do inconsciente, cerne da psicanálise freudiana, representa a terceira ferida narcísica da humanidade. A primeira, de natureza cósmica, refere-se à descoberta de que a Terra girava em torno do sol, ou seja, o homem não é mais o centro do universo, como demonstrou Copérnico. A segunda, de natureza biológica, diz respeito à descoberta de Darwin de que os seres humanos são apenas mais uma espécie dentro da cadeia evolutiva, não sendo a única, como se pensava no contexto do criacionismo. A terceira ferida narcísica viria com Freud.

Para Freud, a psicanálise teria retirado a última ancoragem da pretensão humana, o último reduto da superioridade do homem, ao enunciar que a consciência não é soberana no psiquismo do indivíduo e que o eu não é autônomo no funcionamento psíquico. Vale dizer, o ser do psíquico se desloca da consciência e do eu para os registros do inconsciente e da pulsão, que passam a regular materialmente o ser do psiquismo (BIRGMAN, 1997, p. 20).

Birgman não deixa de dizer que esse descentramento do sujeito na psicanálise implica pelo menos em três descentramentos específicos. O primeiro, segundo ele, seria o descentramento da consciência para o inconsciente. O segundo, do eu para o outro, e o terceiro, da consciência (do eu) e do inconsciente para as pulsões. Em relação ao primeiro descentramento, o autor expõe, com base nos postulados freudianos, que a descoberta do

inconsciente revelou ao homem a presença de um estranho hóspede em seu intelecto. Um hóspede totalmente alheio às suas vontades.

O que podemos destacar é que Freud encontrou um espaço experimental onde o sujeito perdia a sua unidade no campo da consciência e estava impossibilitado de agir como um ser unificado, e, portanto, impedido de realizar ações consequentes na sua relação com o mundo (BIRGMAN, 1997, p. 23).

No entanto, a descoberta do inconsciente não levou a teoria freudiana a uma desvalorização do eu. Este passou a compreender uma instância específica do indivíduo onde se concentrariam as chamadas pulsões do eu, preocupadas basicamente com a autoconservação do indivíduo. Até aqui, o eu é um espaço autônomo, tem domínio completo sobre si, é a instância do recalque; portanto, tem força suficiente para repelir, como coloca o autor, “as tentativas de subversão da individualidade pelo sexual” (BIRGMAN, 1997, p. 27). Paralelamente a essa instância do eu, Freud colocou as chamadas pulsões sexuais, em outras palavras, o mundo dos desejos humanos.

Essa oposição entre as pulsões foi representada por Freud como o conflito entre a fome e o amor, como dizia Schiller. Até que em 1914, o discurso freudiano rompe com essa concepção clássica do eu e da razão e, como lembra Birgman, o eu passou a ser marcado também pelas incidências do sexual, afinal, o conceito de narcisismo só se tornaria possível ao considerar que o eu é, também ele, uma instância erotizada, capaz de sentir prazer diante da própria imagem. Assim, as pulsões do eu seriam também pulsões sexuais.

Vale dizer, a libido é a única substância em causa, a única coisa que poderia ser considerada sujeito e se inserir no campo do eu e dos objetos: libido do eu e libido do objeto. É o locus do investimento que a qualifica, mas sua regulação é realizada pelo princípio do prazer (BIRGMAN, 1997, p. 30).

Birgman ainda demonstra que esse indivíduo autoerotizado se insere, obrigatoriamente, no campo da relação com o outro. Está posta então a questão da alteridade, “sem o outro não existe sujeito possível, na medida em que este se constitui a partir do outro como polo crucial de sua transmissão. Sem o outro não existe o um” (BIRGMAN, 1997, p. 31). Como fenômeno constitutivo da questão da alteridade surge uma instância que Freud denominou de *eu ideal*, no qual se vê uma espécie de subjetividade autocentrada, enquanto que o ideal do eu, traduz uma subjetividade descentrada, pois orientada pela alteridade. Em

outras palavras, o eu que almeja ser igual ao outro sai do seu próprio centro, perde seus próprios referenciais e vive em parte a vida do outro, deslocado de sua subjetividade.

O super eu foi posteriormente colocado por Freud, como lembra Birgman (1997), acentuando ainda mais o descentramento do sujeito e dando cada vez mais importância a uma forma de realização do eu que só é capaz de se dar pelo outro, até o ponto em que “a identificação indica não apenas a presença, mas também a efetividade do outro no sujeito e no corpo, de maneira que podemos dizer que *eu sou o outro*” (BIRGMAN, 1997, p. 32).

Parece importante perceber que o sentido de descentramento se transforma em cada tipo de descentramento acima exposto, isso porque eles não são todos da mesma natureza. Como mostra Birgman, os dois primeiros pertencem ao campo da representação, ou seja, da linguagem, dos símbolos, das imagens. Já o último campo - aquele em que o indivíduo é atravessado pela existência de uma pulsão sexual que divide e disputa espaço com o seu ego ou a sua consciência - situa o sujeito no campo do desejo, daquilo que não pode ser dito ou representado. Parece se configurar, dessa forma, uma transformação no sentido do descentramento à medida que os conhecimentos psicanalíticos evoluem para outras instâncias psíquicas,

o que implica dizer que a crítica dos pressupostos da filosofia do sujeito pelo discurso freudiano se radicalizou com a construção da psicanálise, se enunciando de formas mais agudas ao se deslocar do campo da representação para a exterioridade desse campo (BIRGMAN, 1997, p. 21).

Emerge de todo esse processo um sujeito descentrado, destituído das crenças que o colocavam no centro de tudo, “lançado à sua própria sorte, aos efeitos imponderáveis das forças cegas do destino” (BIRGMAN, 1997, p. 21). Tem-se um sujeito entregue ao desamparo (*Hilflosigkeit*), ao *Dasein*, de Heidegger. O ser está aí.

Sobre a figura do desamparo, Birgman lembra que ela se colocou tardiamente para Freud, vindo junto com a radicalização da tese do descentramento do sujeito. “Seu enunciado decisivo foi o da existência estrutural do mal-estar na civilização, nos anos 30. Nesse contexto, foi o olhar de Deus e do outro que foram perdidos para o sujeito, que não pode mais contar com a figura do pai” (BIRGMAN, 1997, p. 22).

O estatuto do sujeito também é discutido por Neusa Santos no ensaio “O estrangeiro: nossa condição”, presente no livro *O estrangeiro* (1998), organizado por Caterina Koltai. No texto, Neusa aborda a eterna relação com o outro, ou seja, este sentido de alteridade constante que traduz o encontro do eu no outro. Ao longo do seu percurso argumentativo, ela constrói uma espécie de paradoxo ao mostrar que o sujeito é estrangeiro dentro de si mesmo, dando forma ao olhar que surpreende o estranho naquilo que é familiar e evocando novamente o sujeito descentrado, não mais unitário, coerente, tampouco idêntico a si mesmo.

Para a psicanálise, o estrangeiro é o eu. O eu, não tomado como o quer o senso comum – unitário, coerente, idêntico a si mesmo -, mas o eu pensado em sua condição paradoxal – dividido, discordante, diferente de si mesmo -, tal como, de uma vez por todas, o poeta nos ensinou: “Eu é um outro” (SANTOS, 1998, p.155).

A figura do eu que de repente se torna estranho a si mesmo faz surgir a noção de *unheimlich*, postulada por Freud no seu ensaio “Das Unheimliche”, onde ele revela um encontro de contrários que habita a psique humana e define o estranho como “aquela categoria do terrorífico que remete ao conhecido e familiar – um familiar e conhecido que se tornou alheio, alijado que fora pelo processo de recalque” (SANTOS, 1998, p. 156).

Ao mesmo tempo, esse estranho que passa a existir em nós e fora de nós revela um mundo que até então não fora dado ao sujeito conhecer. A experiência do estranho permite ver além dessa teia de véus, como diz Neusa, que faz parte do pouco da realidade conhecida. No sentido inverso, ao mesmo tempo em que o estranho permite perscrutar o véu, ele também o constitui novamente. Segundo Neusa, ele restitui a ilusão necessária para viver.

Descoberto o estrangeiro dentro da nossa condição de sujeito, a psicanálise definiu algumas figuras do estranho, algumas formas de manifestação do *unheimlich*. Neusa expõe algumas delas, como a figura do autômato (aquele que deveria ficar parado e, no entanto, se mexe), o duplo (o outro internalizado que mesmo invisível não deixa dúvidas quanto à sua existência) e o feminino (campo aberto, oposto à norma, entendendo-se a norma como o masculino).

O sujeito psicanalítico, descentrado, desviante, oblíquo, descobre o seu outro nele mesmo, transforma o familiar em estrangeiro e o estrangeiro em familiar. A experiência de

estranheza é própria desse sujeito que não se constitui mais como uma forma sólida, e sim como uma forma líquida.

Ao avançar nas ideias que edificam o sujeito freudiano, Neusa lembra outro tipo de estranheza bastante peculiar: o sentimento de fastio do mundo diante da transitoriedade da vida e das coisas, diante da finitude “que não poupa nem a beleza nem a perfeição”. E, neste ponto, aparece um traço muito comum ao sujeito freudiano, citado anteriormente: o desamparo. “Afetado pela transitoriedade das coisas, há quem mergulhe na dor, nas paixões tristes, no sentimento de estranheza, no abandono o mais desamparado. O mundo se torna estrangeiro e o sujeito faz-se presa do desalento” (SANTOS, 1998, p. 162).

Neusa ressalta, no entanto, que, para Freud, a transitoriedade das coisas não diminuiria necessariamente o seu valor, pelo contrário, ela se constituiria em um valor a mais, o valor de escassez no tempo. Já a beleza de algo não seria afetada pela transitoriedade das coisas, o sujeito é que seria afetado por essa transitoriedade ao revestir-se de um sentimento de luto inútil, posto que as coisas tendem sempre a passar. “Pudesse este acolher o efêmero, admitir a transitoriedade de todas as coisas, abraçar o nômade em sua transição fugaz, pudesse o sujeito dizer sim ao estrangeiro, esse passageiro da diferença, e o estranho haveria de se conjugar” (SANTOS, 1998, p. 163).

Aceito em sua diferença ou não, o estrangeiro é o outro que, por sua vez, é o eu mesmo do sujeito. O estrangeiro se dá em relação a si mesmo e em relação ao mundo ao seu redor, o mundo lhe é estranho. Essas noções de ordem psicanalítica revelam-se em alguns personagens de Clarice Lispector. A própria Clarice poderia ser vista como estrangeira em diversos aspectos pela forma diferenciada com que olhava o mundo. O sentimento de estranhamento, a busca por um pertencimento, tudo isso é bastante manifesto na obra clariciana ao lado dessa dimensão do outro e de uma multiplicidade revestida por um estranhamento do eu.

Da mesma forma, o descentramento psicanalítico que culmina em um desamparo do homem diante do mundo, parece ser o mesmo descentramento encontrado em alguns personagens da obra de Clarice. A palavra descentramento se refere a uma situação de “fora do centro”, ou seja, deslocamento de um fluxo contínuo hegemônico. Na obra clariciana, os

personagens dão a impressão de serem desviados e múltiplos, descentrados de um eu único, racional, consciente, portador de domínio sobre si.

Assim como a consciência descobre o inconsciente em Freud, assim como o ego descobre a pulsão como parte integrante dele, em Clarice, a fome e o amor de que fala Schiller também são duas metades básicas do ser humano que se descobrem unidas, interpenetradas, a ponto de não ser possível identificar onde começa uma e onde termina a outra.

A psicanálise construiu um eu múltiplo em eterna dualidade e conflito consigo mesmo, condenado a viver fora de seu centro psíquico por instâncias de desejo internas que ele não controla e que eternamente buscam apenas se satisfazer. No entanto, não se trata de reduzir o ser humano à pulsão e aos instintos, renegando a razão. O pensamento freudiano em nenhum momento o faz, apenas a voz da razão é colocada por ele como mais baixa, no entanto, ela seria ainda mais insistente e continuaria sussurrando até ser atendida, como diz Freud em *O Futuro de uma ilusão* (2011). Entre a razão e o instinto, nos limites do sólido e do líquido, a literatura clariciana parece colocar o sujeito freudiano em evidência, não raro ajudando a entendê-lo melhor.

Do líquido ao sólido

Em “As águas do mar”, o texto de Clarice se aprofunda de forma sutil e misteriosa no desafio da existência humana, no desafio do ser. A construção da sua reflexão se dá por uma oposição ou dualidade entre o mar e a mulher, oposição que também pode ser lida como entre o infinito e o limitado, entre o inanimado e o humano, o líquido e o seco. Os limites da existência humana são colocados diante da imensidão inatingível do mar e a mulher é convidada a penetrar essa imensidão, a cortá-la ao meio, eis o desafio de sua viagem sem sentido ou explicação que lhe pede coragem.

Logo nas primeiras linhas, Clarice apresenta mar e mulher como seres ininteligíveis, ou seja, obscuros, misteriosos, incompreensíveis, mas Clarice coloca a incompreensão do ser humano como resultado do seu próprio desejo em compreender-se. Em outras palavras, é buscando compreender-se que o homem perde-se de si mesmo. “Aí está ele, o mar, a mais

ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais inteligível dos seres vivos. Como o ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais inteligível dos seres vivos. Ela e o mar” (LISPECTOR, 1999, p. 470).

Em seguida, Clarice expõe o limite da existência humana nas entrelinhas de seu discurso. A mulher olha o mar e é só isso que ela pode fazer. Sua alternativa se limita a olhar e se consolar com a sua pequenez diante dele ao perceber que sequer sua vista consegue divisá-lo além da linha do horizonte. O privilégio de ver além da linha divisória entre esta dimensão e a outra, entre este lado da terra e o outro, não é dado aos olhos humanos, materializados e interrogativos demais. “Seu corpo se consola com sua própria exiguidade em relação à vastidão do mar” (LISPECTOR, 1997, p.470). Esse limite da existência torna-se ainda mais insuportável diante da liberdade do cão que aparece correndo pela areia, livre, justamente por não se interrogar a respeito do mistério ou do porquê de sua animal e primitiva existência. Clarice assim condena o homem à eterna ignorância sobre si mesmo justamente devido à vontade de se conhecer. É buscando revelar-se a si mesmo que o homem se perde de sua natureza primeira e original, natureza esta que não se perderia nos animais. Pode-se, neste ponto, recuperar a questão do instinto animal, da pulsão sexual freudiana em seu sentido mais primitivo, menos sublimado, sem a instância reguladora do ego a dizer-lhe dos porquês, das causas e consequências. O cão é libido, o homem é libido sublimada que precisa de infinita coragem para encarar o grande desconhecido líquido que se descortina à sua frente. “Só um cão livre hesita na praia, um cão negro. Por que é que um cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga” (LISPECTOR, 1999, p. 470).

E assim Clarice inicia uma espécie de ritual, o ritual de entrada da mulher na água do mar, o ritual onde ao menos alguma vez na vida somos defrontados com a imensidão do desconhecido diante de nós. “Esse corpo entrará no ilimitado frio que sem raiva ruge no silêncio das seis horas. A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem” (LISPECTOR, 1999, p. 470). Tal coragem se faz ainda maior quando Clarice constrói a solidão da mulher que sequer encontra consolo ou amparo no exemplo dos outros. Aqui não há mais a relação com o outro. Clarice a destitui dessa muleta, dessa expansão narcísica de si mesmo, como colocava Freud ao falar da relação entre o sujeito e o outro, uma das etapas constituintes do descentramento do sujeito. Mas essa solidão não aparece sem uma razão. O

caminho rumo ao desconhecido é solitário. Ele pede de quem se coloca diante dele apenas coragem; e a autêntica e verdadeira coragem só pode nascer de si mesmo, qualquer coragem buscada nos outros já seria uma subjetividade frágil do sujeito, cada vez mais descentrada e nebulosa. “Ela está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isso é uma realização” (LISPECTOR, 1997, p.470).

Confrontada com o desconhecido, a mulher surpreende-se incrivelmente desconhecida de si mesma. E a coragem que nela se manifesta é justamente a de prosseguir. Clarice constrói aqui uma espécie de parábola da própria vida. Nós vivemos sem saber o porquê. Durante nossa jornada sequer uma explicação nos é dada e, no entanto, essa vida que de tão desconhecida e imensa é o próprio mar, pede de nós, assim como ele, uma firme coragem. E nós prosseguimos como a mulher, nós vivemos e quanto a isso não há outra saída ou solução possível, pois, como diz Clarice “É fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem” (LISPECTOR, 1999, p.471).

Desenham-se assim as fases do ritual ou as fases da existência. O primeiro contato com a água do mar provoca na mulher uma espécie de alegria fatal que faz pensar na questão do nascimento em meio líquido, dando forma ao movimento regressivo que se desenha em Clarice. Um movimento de volta ao local de nascimento, ao encantamento do mundo, aos mitos, ao eterno sacrifício de nascer e morrer.

Clarice coloca a alegria como uma fatalidade. É como se ela dissesse que, diante da vida, o maravilhamento perante o desconhecido e a alegria que dele decorre são como destinos dos quais não se pode fugir. Uma alegria que sequer provoca sorrisos, mas que é uma alegria.

A mulher já se faz então compacta, ela já provou da primeira brisa do mundo e a sua solidez defronta-se com a água líquida do mar. Constrói-se aqui a dualidade clariciana entre o sólido e o líquido, o seco e o molhado, a essência e a forma. E assim ela prossegue: “O caminho lento aumenta sua coragem secreta. E de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda. O sal, o iodo, tudo líquido, deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada (LISPECTOR, 1997, p.471). A mulher vai se escorrendo, é como se ela fosse diluindo-se do contato com o desconhecido, tornando-se mais permeável por ele e em cada gesto é como se ela fosse se reconhecendo, agora não mais a mesma, uma outra,

provada pelo sal, experimentada pela imensidão do mar. “Brinca com a mão na água, pausada, os cabelos ao sol quase imediatamente já estão se endurecendo de sal” (LISPECTOR, 1999, p.471). E então ela bebe, cumpre-se a etapa crucial do ritual. Ela prova da matéria primitiva da vida, líquida. Ela carrega o mar por dentro e é neste ponto que ela enfim se iguala a si mesma, como coloca Clarice. Sua fome e seu amor aqui se fundem, pulsão e ego são partes de uma mesma criatura que ao percorrer o mar sacia um desejo e forma uma identidade.

Até que ela volta depois de ter estado dentro das águas. E o modo como ela avança: dura e áspera. “E agora pisa na areia. Sabe que está brilhando de água, e sal e sol. Mesmo que o esqueça daqui a uns minutos, nunca poderá perder tudo isso. E sabe de algum modo obscuro que seus cabelos escorridos são de naufrago. Porque sabe – sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano” (LISPECTOR, 1997, p.471) O ritual lhe deu a forma que ainda lhe faltava. Ela volta sólida (ainda que esse sólido seja oco), medo vencido e alma literalmente lavada de tudo que inicialmente, antes da aventura do desconhecido, lhe constituía. O adquirido ela nunca poderá perder. O que o humano adquire com traumas, medos e sublimações não lhe é nunca mais tomado, ao menos definitivamente. O modo que ela agora sabe, no entanto, ainda é obscuro. A verdade da existência não se revelará, mas ela sabe de seu perigo antigo, da busca por si mesma, da coragem enfim tida em enfrentar e cortar pelo meio a imensidão da existência. E tão antiga é essa busca...

Em “A atualidade do ovo e da galinha”, Clarice usa de construções abstratas para compor um inteligente e sugestivo relato a respeito da eterna dualidade entre corpo e alma, aparência e essência, impressão e verdade por meio de uma improvável relação com o outro. Esse outro se encontra justamente na figura de um ovo em cima da mesa que surge como um desafio à compreensão humana, alheio à própria compreensão e danificado por ela. O ovo em si mesmo é casca e interior, é clara e gema, o líquido envolto pela casca branca e dura, uma espécie de alegoria clariciana que aposta no poder simbólico da construção para desenhar os desafios da compreensão humana, do ser humano, a incrível fatalidade de poder ver apenas a casca e de ser negado pela gema.

Logo no início, a impossibilidade de ver o ovo e seu perecimento pela ação dos instantes fica evidente, o que pode ser entendido como uma analogia à impossibilidade de

conhecer, de fato, o próprio homem e também de como esse se desintegra quando diz, age, quando pensa, quando se inicia no seu percurso de ser. Clarice mostra que é vendo que se perde. “No próprio instante de se ver o ovo ele é a lembrança de um ovo. – Só vê o ovo quem já o tiver visto. Como um homem que, para entender o presente, precisa ter tido um passado. – Ao ver o ovo é imediatamente tarde demais, ovo visto, ovo perdido: a visão é um calmo relâmpago” (LISPECTOR, 1997, p.207). A impossibilidade em ver de fato e a busca inútil por uma verdade é mais à frente desenvolvida por Clarice quando ela escreve “A verdade sempre destrói a humanidade”. Postular uma verdade sempre distante sobre o ovo é pois uma forma de desumanizá-lo em absoluto, mesmo porque se o ovo for e conter em si a própria verdade, é no mínimo estranho uma verdade dizer algo da própria verdade. Clarice então coloca o ovo como alguém que não tem um si-mesmo, uma individualidade, posto que o ovo está mais para a essência das coisas e a essência não pode ter um si-mesmo, ela é o si-mesmo. Da mesma forma, o inconsciente não tem algo, segundo Freud, ele é tido pelo consciente. A pulsão tampouco possui ego, o ego é que possui pulsão. Mas eis que quando esse ovo passa a integrar alguém, ele passa então a ser o si-mesmo desse alguém, e quando é retirado de dentro desse alguém atinge um estado de perfeição, experimentado apenas pelas coisas que existem de fato. “Quando morri, tiraram de mim o ovo com cuidado: ainda estava vivo. – Assim como não se vê o mundo por este ser óbvio, não se vê o ovo porque ele é óbvio. O ovo não existe mais? Está existindo neste instante. – Você é perfeito, ovo” (LISPECTOR, 1997, p.207). Como sequência desse elogio da existência, Clarice inverte o clássico pensamento cartesiano de Descartes e ao invés de “penso, logo existo”, ela postula, “existo, logo sei”, ou seja, o importante no sujeito clariciano é a existência, ela vem antes do pensamento, o sujeito então se faz em Clarice pela capacidade de existir, que lhe proporciona, posteriormente, a capacidade de pensar sobre si, sobre o ovo. O ovo segue como algo que levita, jamais pousa, algo invisível a olho nu, transcendente, de ovo em ovo chega-se a Deus, escreve Clarice, de essência em essência atinge-se a essência primeira e original, o início a partir do qual aquilo que não é ovo, e sim contém o ovo, se perde.

O que não é ovo e sim contém o ovo vem a ser justamente a galinha. “Para que o ovo atravessasse os tempos a galinha existe. Mãe é para isso” (LISPECTOR, 1997, p.208). O ovo torna-se assim o ovo da galinha, invisível a ela própria e aos demais olhos. É por isso que

Clarice diz que ele nos coloca em perigo. Sua ausência na sua presença é um desafio às nossas ambições narcísicas de certeza. Indo mais longe, Clarice coloca o ovo como o grande sacrifício da galinha. Esta sacrifica a sua identidade em nome de um estranho hóspede que se instala confortavelmente em seu interior e assim, enquanto o ovo ali cresce e vive, a galinha apenas sobrevive. Nada mais alegórico para a teoria do inconsciente humano, nosso estranho hóspede. Este nada mais é do que ovo a habitar nosso consciente, este último nada mais do que uma galinha. O consciente que sobrevive, enquanto no inconsciente vivem as essências, as pulsões, os desejos latentes e manifestos.

A consciência, assim como a galinha, sacrifica-se pelo seu ovo particular. E assim como o ovo veio antes da galinha, o inconsciente também já estava lá, antes da consciência achar-se senhora de si em sua constante racionalidade. Assim também podemos ver a galinha como corpo, o ovo como alma. “O que cacareja o dia inteiro na galinha é etc.etc.etc. A galinha tem muita vida interior. Para falar a verdade só tem mesmo é vida interior. A nossa visão de sua vida interior é o que nós chamamos de galinha. A vida interior da galinha consiste em agir como se entendesse. Qualquer ameaça e ela grita como uma doida. Tudo isso no fundo para que o ovo não se quebre dentro dela. Ovo que se quebra dentro da galinha é como sangue” (LISPECTOR, 1997, p.209).

Esse último trecho revela de fato a natureza da construção simbólica feita por Clarice nesta crônica. Traduzindo em outros termos, o que cacareja o dia inteiro no homem é etc.etc.etc. O homem tem muita vida interior. A nossa visão de sua vida interior é o que chamamos de homem. A vida interior do homem consiste em agir como se entendesse. Qualquer ameaça e ele grita como um doido. Tudo isso no fundo para que a alma, o inconsciente, não se quebre dentro dele. Alma que se quebra dentro do homem é como sangue. A alma, assim como o ovo, é uma esfera intangível, inalcançável, um horizonte ao qual nos é dado apenas olhar. E o homem – ou melhor - a galinha, olha o horizonte.

Considerações finais

A breve análise explicitada acima das duas crônicas de Clarice Lispector permitiu verificar que, em ambas, a discussão da existência, do humano e de suas dualidades se realiza

de forma elevada e inteligente. Da mesma forma, a análise permitiu perceber que cada crônica utiliza um método específico para dizer da essência humana impossível de ser totalmente conhecida que, em um caso se derrama na aventura rumo à imensidão e liquidez do mar, e, no outro, se aloja no interior de um ovo e, em um segundo momento, se faz o próprio ovo que se ausenta da visão do mundo no mesmo instante em que conduz o homem a esse mesmo mundo. De um lado, a alma se rompe, de outro, ela se protege e se afirma.

Além disso, os elementos identificados em ambas as crônicas permitiram estabelecer uma relação entre o sujeito em Clarice e a concepção de sujeito descentrado em Freud. As questões psicanalíticas presentes no percurso linguístico e metafórico das duas crônicas ajudam a compor a temática do sujeito dotado de alma e corpo, consciente e inconsciente, obscuridade e maravilhamento. As cascas e a postura dura e áspera são o tangível desse sujeito que se descobriu alheio do centro de si-mesmo. No entanto, em “A Atualidade do ovo e da galinha”, Clarice lança mão de um recurso não utilizado por ela em “Nas águas do mar”, um recurso que alça seu discurso para níveis mais altos de representação e amplia sua força reflexiva e existencial: o uso de alegorias com sutil caráter simbólico. Ovo e galinha parecem ser nada mais do que alegorias a traduzir uma ideia muito específica e concreta: o inconsciente e consciente, para colocar em termos freudianos, ou, a alma e o corpo, para colocar em termos universais.

A construção alegórica impõe um desafio maior ao entendimento da mensagem, mas, ao mesmo tempo, torna-a mais definitiva e original. Não que a beleza da mulher indo em direção ao mar não seja forte o bastante, mas ela já se faz a partir de um sujeito, usa o sujeito para discutir o sujeito, ao passo que o ovo dentro da galinha ou o ovo solitário e branco em cima da mesa, não são sujeitos humanos por excelência. Eles podem ou não fazer com que se remeta a um sujeito e à sua relação consigo mesmo, mas o campo de representação está aberto, as possibilidades são infinitas, o que faz com que o percurso reflexivo se estenda e a força da construção também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRGMAN, Joel. *Estilo e modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997.

RECORTE – revista eletrônica
ISSN 1807-8591
Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR
V. 10 - N.º 1 (janeiro-junho - 2013)

SANTOS, Neusa. *O estrangeiro: nossa condição*. In: KOLTAI, Caterina. *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta FAPESP, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.